



POR AGOSTINHO SANTOS

\* NO ATELIÊ DE...

## A ESCULTURA COMO FORMA DE VIDA

ISAQUE PINHEIRO

IDADE 38 anos  
Escultor  
NATURAL DE LISBOA  
VIVE NO PORTO



FOTOGRAFIA: GABRIEL VILAS

# "Isto é onde gosto de estar, isto é tudo.."

**Espaço** no Porto é, em simultâneo, ateliê e casa, mas é maioritariamente reservado ao trabalho artístico

O ateliê é, para o escultor Isaque Pinheiro, o lugar de estar, de deambulação e, também, de trabalho. É o espaço fundamental da sua vida. Aliás, confessa, sem qualquer hesitação, que se um dia tiver de escolher entre o ateliê e a casa optará pelo ateliê.

Apesar de desde os 14 anos ter ateliê – e já teve vários, nomeadamente em Lisboa, Sintra, Évora e Porto –, foi na Invicta que, em 2008, e pela primeira vez, adquiriu um espaço que

lhe serve simultaneamente de ateliê e de casa. Mas a maioria do espaço privilegia as áreas de concepção, enquanto que a “dimensão casa” é reduzida a um pequeno quarto e à cozinha.

Situado a poucos metros da Faculdade de Belas Artes do Porto, este “local sagrado” de Isaque Pinheiro é um lugar cheio. De materiais, entre pedra, madeira, ferro, poliéster e cartão, e, sobretudo, de ideias, que o artista vai transformando em obra.

“Aqui, envolyo-me no trabalho, isto é onde gosto de estar, isto é

tudo... é uma consequência do estar, do trabalhar, é uma maneira de estar com a obra”, diz.

Confessa que o processo de criação diverge de peça para peça. Tanto projecta, elabora esboços e desenhos, como desenvolve directamente a partir do suporte. Mas há uma coisa de que não abdica, que é criar no seu próprio ateliê, classificando-o como uma espécie de laboratório de ideias que vão fermentando de momento para momento.

Disciplinado, o artista dirige-se diariamente às salas de trabalho

por volta das 9.30 horas e só de lá sai às 19, com excepção de uma hora entre as 13 e as 14, para almoçar. Optou por este horário por duas razões fundamentais: “Poder estar com os amigos” e “porque é durante o período de expediente que posso tratar de assuntos como, por exemplo, a compra de materiais”.

Mas nem sempre foi assim. Tempos houve em que era pela noite dentro que criava. Hoje, mudou o processo, disciplinou-se e está a dar-se bem com os novos métodos. Continua, no entanto, a

não prescindir de estar sozinho enquanto cria, porque, reconhece, “não me desconcentro tanto. Quando recebo pessoas, tenho que lhes dar atenção e perco um pouco o fio à meada. Prefiro trabalhar sem ninguém à volta, é verdade”.

O único ser vivo que está por perto é a inseparável cadela “Nega”, que, além de fazer companhia, substitui o dispositivo de alarme, pois, ao mínimo ruído anormal ladra, ladra muito.

Quando não tem que utilizar as ruidosas máquinas, como a motosserra ou a rebarbadeira, gosta de trabalhar com música, que tanto pode provir de um leitor de CD ou do rádio.

Acredita que a música o auxilia na criação e, sempre que lhe é permitido, escolhe-a também como companhia. Talvez por isso, não faz questão – como acontece com outros artistas – de trabalhar em silêncio, apesar de admitir que já desligou os aparelhos para se concentrar.

E, para já, toda a atenção está fixada nas grandes placas de madeira onde irá criar as novas peças para a próxima exposição no Porto. ■